TRAVESSIA: o corpo como território de memória e transformação no teatro psicodramático

Débora Fava[1]

RESUMO

Esta proposta fundamenta-se no teatro psicodramático como ferramenta de denúncia e reflexão sobre opressões de gênero. Através da performance poética teatral *Travessia*, busca-se analisar como o machismo estrutural atua como conserva cultural que obstaculiza a matriz de espontaneidade-criatividade, transformando o corpo feminino em território de silenciamento e o masculino em armadura afetiva. A fundamentação teórica articula os conceitos de conservas culturais e papéis de gênero, utilizando o Sociodrama como método essencial para a investigação coletiva de interdições impostas pela estrutura social. O objetivo central consiste em viabilizar a sensibilização corporal e emocional sobre os impactos do patriarcado, oportunizando a desconstrução de conservas em prol da espontaneidade-criatividade e da equidade de gênero. A metodologia segue as etapas clássicas do método psicodramático, com duração de três horas. Inicia-se com o aquecimento específico através da performance *Travessia* (disparador estético). Na etapa de dramatização, os interagentes dividem-se em subgrupos para processamento coletivo e criação de esculturas vivas, que materializam a trajetória dialética entre a conserva patriarcal e a espontaneidade do território-corpo. A direção orienta a transição orgânica entre as âncoras semânticas da obra, assegurando a propriocepção. O compartilhamento foca na transformação sociopolítica e na transposição do manifesto artístico em práxis. Como resultados, espera-se que a vivência promova o fortalecimento da autonomia subjetiva, o reconhecimento de armaduras caracterológicas e a responsabilização ética em prol da alteridade. Almeja-se que a experiência semeie territórios equânimes e ferramentas de transformação social contínua.

Palavras-chave: Sociodrama; Gênero; Conserva Cultural; Espontaneidade-criatividade; Território-corpo.

[1] Psicodramatista Didata, Dramatriz Instituto de Psicodrama, fvdebbie@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Esta proposta de atividade fundamenta-se na utilização do teatro psicodramático como ferramenta de denúncia e reflexão sobre as opressões de gênero. Através da performance poética teatral *Travessia*, que narra a jornada de três mulheres do silenciamento e da objetificação à ruptura das correntes patriarcais, buscamos suscitar a reflexão sobre como o machismo estrutural atua como uma conserva cultural que obstaculiza a matriz de espontaneidade-criatividade de mulheres e homens.

Nesse cenário, o corpo feminino é transformado em um território objetificado e sexualizado, *locus* de disputa e silenciamento, ao mesmo tempo que conforma o corpo masculino em um território de armadura e interdição afetiva. A performance da força inabalável e o distanciamento do sentir operam como mecanismos de reprodução do domínio patriarcal, alienando o sujeito e impedindo vínculos pautados na alteridade e na vulnerabilidade.

A proposta visa, portanto, articular as heranças históricas da colonização dos corpos às urgências políticas e sociais contemporâneas, como o aumento significativo da misoginia e, como consequência, do feminicídio e da violência velada e explícita contra a mulher. Tal articulação se faz premente diante do cenário de recrudescimento da violência de gênero, que denuncia a falência de modelos de dominação e reitera a urgência de intervenções psicodramáticas que desconstruam as raízes da misoginia (NERY, 2006).

Os objetivos centrais consistem em viabilizar a sensibilização corporal e emocional sobre os impactos do patriarcado através da estética teatral, analisando criticamente as interseccionalidades, como racismo, xenofobia e transfobia, que agravam a violência sobre territórios-corpos específicos. Busca-se, por fim, oportunizar a desconstrução de conservas culturais em prol da espontaneidade-criatividade, visando a desarticulação interna de papéis rígidos e a superação de armaduras moldadas pela cultura patriarcal.

2 DESENVOLVIMENTO

A base teórica deste trabalho articula o conceito de conservas culturais à rigidez dos papéis de gênero, compreendendo que a cristalização de comportamentos patriarcais atua como um bloqueio à matriz de espontaneidade-criatividade. No cenário contemporâneo, o Sociodrama firma-se como um método essencial para a desconstrução dessas normas,

permitindo que o grupo investigue coletivamente as interdições afetivas impostas pela estrutura social.

A abordagem socionômica permite compreender que o gênero, enquanto construção social, opera como um papel imposto que muitas vezes sequestra a subjetividade. Conforme apontado pela literatura recente da Socionomia, a abordagem do corpo no psicodrama não é apenas acessória, mas central para a integração psicossomática e para o reconhecimento das memórias traumáticas ou silenciadas que habitam esse território (VIDAL; CASTRO, 2022). O corpo, portanto, deixa de ser um receptáculo passivo de normas para tornar-se o palco da libertação e do reaquecimento da matriz criativa.

No que tange aos procedimentos metodológicos, a atividade ocorre em formato de Trupe Teatral, com duração de 3 horas. A jornada organiza-se em etapas fundamentais: inicia-se com a performance estética *Travessia*, que utiliza elementos da dança contemporânea e sonoplastia para sensibilização do campo grupal, potencializando o estado de prontidão no sociodrama (FERREIRA, 2024). O uso desta performance como aquecimento específico oferece um disparador sensível que precede a ação e favorece a emergência de novas respostas criativas frente às opressões.

Na sequência, ocorre a etapa de dramatização, na qual os interagentes são convidados a se subdividirem em grupos para processamento coletivo, mediante questionamentos disparadores com indicadores temáticos. Cada subgrupo materializa a síntese do debate em uma escultura viva, cujo movimento configura uma trajetória dialética entre a conserva e a espontaneidade. Este processo de "esculturar" o corpo permite que o grupo visualize as tensões sociais inscritas na musculatura e no gesto, facilitando a catarse dramática frente às estruturas de poder que nos habitam. Esse processo de liberação emocional é o que permite o reaquecimento da matriz de espontaneidade, capacitando o sujeito a romper com as conservas culturais e ensaiar novas respostas criativas diante das opressões de gênero.

A direção facilita a fluidez dramática, orientando a transição orgânica entre as palavras-chave e assegurando que os interagentes habitem a propriocepção de cada estágio. Cada cena é finalizada com breves ressonâncias verbais, convocando os participantes à ação efetiva e ao expurgo de privilégios para a construção de territórios seguros.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Almeja-se que os interagentes ampliem a percepção crítica acerca das conservas culturais e das pressões sistêmicas que restringem o exercício da espontaneidade-criatividade.

Espera-se que a vivência promova o fortalecimento da autonomia subjetiva e a soberania sobre o próprio desejo, desarticulando processos de objetificação e silenciamento histórico que recaem sobre o feminino e o masculino.

A utilização do teatro psicodramático como práxis política reafirma a potência do método moreniano em intervir em feridas sociais coletivas. Ao final da experiência, busca-se que o grupo não apenas identifique as opressões, mas que sinta, na pele e no movimento, a possibilidade de novas formas de coexistência. A transformação social, portanto, inicia-se na microescala do encontro e da percepção do corpo como território de direito e criação.

Em suma, a vivência *Travessia* configura-se como um ato político e terapêutico de responsabilização ética. Ao habitar as esculturas vivas, os interagentes podem experienciar a fluidez da própria espontaneidade, instigando a transposição do manifesto artístico em práxis social nos territórios de origem. Espera-se que a vivência semeie territórios equânimes, onde o fortalecimento da autonomia subjetiva se torne ferramenta de transformação social contínua.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CARNEIRO, S. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

FERREIRA, J. P. A estética teatral como aquecimento específico no sociodrama. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 32, n. 1, 2024.

GONÇALVES, C. S. **Lições de Psicodrama**: introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Ágora, 1988.

HOOKS, B. **Feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MORENO, J. L. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama**. Campinas: Editorial Psy, 1993.

NERY, M. P. O sociodrama como método de pesquisa qualitativa. **Cadernos de Psicologia e Educação**, 2006.

SANTOS, L. M.; OLIVEIRA, R. S. Sociodrama e as relações de gênero. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 29, n. 2, 2021.

VIDAL, M. G.; CASTRO, A. O corpo no psicodrama contemporâneo. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 30, n. 1, 2022.